

A TRAVESSIA PELO SERTÃO COMO PERCURSO ANALÍTICO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

*Irineide Santarém André Henriques**

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo analisar brevemente o romance *Grande sertão: veredas* como se o narrador-personagem, Riobaldo, fizesse uma análise psicanalítica com o doutor que o escuta, uma vez que uma questão o faz sofrer ao longo de sua travessia pelo sertão: Diadorim.

PALAVRAS-CHAVE: Análise psicanalítica. Amor. Verdade.

* Irineide Santarém André Henriques: Mestre em Letras/ Literatura Brasileira (CES/JF), Mestre em Psicologia/ Psicanálise (CES/JF), Especialista em Filosofia (UFJF). É psicóloga clínica, professora do Instituto Superior de Educação (FESJ-MG), membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura (UFJF). Rua Barão

INTRODUÇÃO¹

Riobaldo, narrador personagem, de *Grande sertão: veredas* atravessa o sertão duas vezes: a primeira vez na vivência, depois rememorando tudo o que viveu. Esta introspecção lembra Édipo, rei diante da esfinge de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”.

Para a psicanálise, conhecer um pouco de si pressupõe estar diante de um outro, a fim de que este outro possa ser um espelho, onde suas imagens possam ser vistas refletidas. O espelho convoca ao jogo da ilusão e do real. Nesse sentido, este percurso corre um grande risco, como afundar no mar de si mesmo, como nos relata o mito de Narciso que diante de sua imagem refletida se enamorou e afundou-se. Riobaldo correu este risco e percorreu o sertão de si mesmo. Sobre a simbologia do espelho, Tânia Rivera em sua obra, *Guimarães Rosa e a Psicanálise: ensaios sobre imagem e escrita*, ao descrever o conto intitulado “O espelho” de Guimarães Rosa descreve:

O espelho, são muitos. Plural e inapreensível, a imagem no espelho é forçosamente engodo: mesmo os retratos tirados de imediato um após o outro são muito diferentes entre si. A fidedignidade que a imagem no espelho guardaria com o “real” não é menos vacilante: é impossível, adverte Rosa, realizar a prova cabal que consistiria em mirar, ao mesmo tempo, o objeto e sua imagem refletida. No hiato entre uma miragem e outra, o tempo corre, e “o tempo é o mágico de todas as traições...” O tempo nunca é o mesmo ele é um *ou* outro. Uma ilusão de simultaneidade parece então ser constitutiva do fenômeno “espelho”, numa magia que oblitera o *ou* um, *ou* outro. (2005, p. 12).

de Cataguases 9/101- Santa Helena- Juiz de Fora-MG CEP: 36015-370. Tel: (32) 3217 8452, 88115426 E-mail: sant123@uol.com.br

¹ Este artigo faz parte de uma dissertação de Mestrado em Letras: Literatura Brasileira (CES/JF) intitulada: *Literatura e psicanálise; barroco e feminino em Grande sertão: veredas*.

O sertão é árido, porém, às vezes revela veredas, lugares que são agradáveis. Na narrativa de Riobaldo o amor por Diadorim pode ser visto como as veredas que amenizam as tribulações, a aridez do sertão. Este artigo investigará a travessia de Riobaldo, como uma análise psicanalítica e a busca de entendimento de seu amor por Diadorim, como núcleo central de sua travessia.

ANÁLISE PSICANALÍTICA E VERDADE NO SERTÃO

O romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*², pode ser lido como percurso de uma análise psicanalítica, pois, Riobaldo, narrador-personagem, parece alguém que se encontra em um divã com seu analista e ele mesmo pede intervenção em sua fala: “Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é este. Nasci para não ter homem igual em meus gostos. O que eu invejo é sua instrução do senhor[...]” (GSV, p. 49) Ele tem vários questionamentos sobre a existência ao longo da narrativa, mas, principalmente, uma questão o atormenta profundamente: Diadorim.

Pode-se dizer que o texto é um espelho onde as imagens são refletidas à medida que Riobaldo e o leitor vão fazendo a travessia na narrativa, pois ambos percorrem o caminho: aquele que lê também percorre um caminho, faz uma travessia: “O espelho ou o reconhecimento do próximo permite que se afirme a idéia da totalidade e da sua finitude, no local onde sua presença irrefletida permanece irreconhecível, a não ser pelas vias do prazer e do sofrimento” (Pommier, 1987, p. 123).

² ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. As subsequentes citações deste texto serão feitas por esta edição, indicando-se a sigla GSV, seguida pelo número da página.

É interessante observar que o narrador-personagem indaga a seu interlocutor sobre determinada temática e ele mesmo responde. A voz do doutor com quem ele fala não aparece em nenhum momento da narrativa, porém, o parecer deste sim, como se pode verificar neste trecho: “Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos [...] Mas não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! **Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia** (grifo nosso)”. (GSV, p. 11).

A narrativa do romance é em primeira pessoa, construída com contornos e rebuscamento, como um labirinto barroco onde o leitor pega ou não o fio de Ariadne, como no Mito de Teseu e decifra ou não o mito do sertão.

Pode-se dizer que aqueles leitores que não conseguem chegar até o final da narrativa labiríntica são como os moços que foram comidos pelo Minotauro. Este pode ser visto como a representação das dificuldades que o ser humano passa quando quer decifrar a sua verdade, ou também ser considerado a personificação do mal aquele que perturba a ordem estabelecida, uma preocupação constante de Riobaldo é o demônio e o mal em todos as suas nuances, principalmente a pessoa de “Hermógenes mor maldito”, jagunço que ele teme. Para Sant'Anna, este pode representar o Minotauro para ambos os protagonistas: Riobaldo e Diadorim,

Ou pode dar-se como nessa obra-prima do barroquismo ficcional moderno brasileiro *Grande sertão: veredas*, que se refaça a tradição e que essas veredas sejam o desenho do enorme labirinto onde Diadorim e Riobaldo têm que enfrentar o Grande Cão, o Minotauro, que é o “Hermógenes mór maldito”. Do liso do Sussuarão ao rodopio do duelo no meio da rua, o arrebatamento labiríntico da alma barroca entre o bem e o mal, o amor e a morte (2000, p. 73).

Riobaldo consegue percorrer o sertão que é labiríntico e cheio de dificuldades a serem vencidas, tal como Teseu, porém, no término da narrativa ainda continua no “nonada”. O conhecimento que adquiriu sobre o humano na travessia do sertão não é suficiente para encobrir a sua dor.

O grande sertão pode representar o deserto que existe no humano em busca da sua verdade que é sempre árida e grande. Depois que se atravessa a aridez, chega-se a veredas, talvez outros caminhos, outras possibilidades se abram: “Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão é dentro da gente”. (GSV, p. 235).

O inconsciente freudiano tem seus contornos e mensagens enviadas ao consciente através dos chistes, sonhos, atos-falhos, associações livres em análise. Lacan, no *Seminário 20* (1985, p. 91) considera: “Se o inconsciente é mesmo o que eu digo, por ser estruturado como linguagem”. Assim, o caminho para o inconsciente não é reto, mas cheio de curvas e dobras que se desdobram. Existe sempre um a mais a se dizer, algo que não se alcançou e “espera” uma ultrapassagem. Nesse sentido no dizer lacaniano o inconsciente é não-todo.

O processo mental do sujeito analisando já existe, porém tem de haver um momento que propicie o “acontecimento”. O analista tem de ser capaz de escutar o que reverbera do analisando além das palavras. Riobaldo enxerga esta capacidade em seu possível analista: “Compadre meu Quelemém me hospedou, deixou meu contar minha história inteira. Como vi que ele me olhava com aquela enorme paciência calma de que minha dor passasse; e que podia esperar muito longo tempo. O que vendo, tive vergonha, assaz”. (GSV, p. 460).

Riobaldo no final se dá conta de que falou tudo que tinha vontade e que o doutor escutou tudo com uma paciência diferente, talvez esperando que através da fala ele

curasse a sua dor. Curar a dor da alma pelo processo da fala, diz respeito à psicanálise. Ao perceber a tamanha condição de escuta do seu interlocutor Riobaldo desabafa:

Cerro. O senhor vê. Contei tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O Rio de São Francisco que de tão grande se comparece parece é um pau grosso, em pé, enorme...Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia (GSV, p. 460).

Riobaldo diz que a sua preocupação era entender se o diabo existe ou não, pois ao longo de toda a narrativa ele julga que este interferiu no seu relacionamento com Diadorim. Entretanto, chega à conclusão de que o que existe é o ser humano, travessia. É interessante observar que quando ele afirma que o diabo não existe primeiramente ele dá importância a este e escreve com letra maiúscula, e quando ratifica a sua confirmação ele já escreve com letra minúscula exclamando com grande alívio: “O diabo não há!”.

O “destino” da análise é a captura dos significantes onde o gozo está. A fala toda de Riobaldo com seu doutor é uma tentativa de capturar todos os momentos vividos com Diadorim que são para ele os seus significantes, a fim de gozar de novo: “O senhor sabe? Não aceito no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco caroço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é” (GSV, p.135).

Riobaldo afirma que não é nada fácil pensar no passado para entendê-lo, porém ele não desiste. Apesar de ser difícil mexer nas lembranças ao mesmo tempo elas esquentam o

seu coração. Na morte de Diadorim ele consegue vislumbrar: “Ela tinha amor em mim. E aquela era a hora do mais tarde. O céu vem abaixando. Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade” (GSV, p. 454). Riobaldo delega ao seu interlocutor, analista o suposto saber do conhecimento da sua verdade, pois ele tem a sensação de que enxergou meia-verdade.

AMOR ENTRE RIOBALDO E DIADORIM

Nem sabia o nome dele. Mas não carecia. Dele nunca me esqueci, depois, tantos anos todos. Agora que o senhor ouviu, perguntas faço. Por que foi que eu precisei encontrar aquele Menino? Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. Por que foi que eu conheci aquele Menino? O senhor não conheceu o compadre Quelemém não conheceu milhões de milhares de pessoas não conheceram. O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: para que foi que tive de atravessar o rio, defronte com o Menino? (GSV, p. 86).

Riobaldo quer saber o porquê de ele ter encontrado Diadorim, ainda menino, e ter-se encantado por ele. A importância do encontro é revelada também na escrita da palavra “Menino” em maiúscula, deixando claro para o leitor que não foi qualquer menino, mas, alguém muito especial que nem todos os mortais têm oportunidade de encontrar em suas vidas. Um encontro como este é um divisor de águas na vida da pessoa, uma marca profunda que não cicatrizará jamais.

Para a psicanálise, em Freud e Lacan, uma das formas de se conhecer uma pessoa é como ela vivencia o amor. Nesse sentido podem-se ter algumas suspeitas da

movimentação psíquica de Riobaldo que num primeiro momento parece aceitar o seu desejo homossexual com naturalidade: “Primeiro fiquei sabendo que gostava de Diadorim de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei na hora. [...] Como é que, dum mesmo jeito, se podia mandar o amor?” (GSV, p. 220).

A verdade do inconsciente não se “manifesta” toda e o sujeito só chega à “metade” de sua verdade. Nunca ninguém sabe tudo sobre si mesmo ou tem coragem de revelar as suas verdades. Riobaldo consegue em alguns momentos não sentir vergonha ou medo de se atrair por um homem, porém ao longo de sua travessia em vários momentos ele se envergonha deste sentimento e deseja e procura mulheres bonitas, revelando que possui capacidade para amar em multiplicidade. Porém, todo o seu movimento é para esconder de si mesmo o seu verdadeiro sentimento que é o de atração por um homem:

Ao cada dia mais distante, eu mais Diadorim, mire veja. O senhor saiba Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. O senhor vai ver. Eu era dois, diversos? O que não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia (GSV, p. 369)

Riobaldo diz que sentia fortemente desejo pelo amigo tudo nele o atraia; os olhos, o cheiro do corpo, o toque das suas mãos. Aí nesses momentos sentia-se confuso com vontade de se esconder de si mesmo, porém agora na sua introspecção revela para si mesmo e indaga-se: “Eu era dois, diversos”? Quer dizer múltiplo para amar? Tal como se fossem duas pessoas (desejo de amar como homem e desejo de amar como mulher) em uma só. Lacan, nos *Escritos*, no artigo intitulado *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*

(1958) nomeia a forma de amar masculina de fetichista, pois o homem goza com uma parte do corpo da mulher. Já a posição feminina de amar é erotomaníaca. Ama-se aquele que está marcado pela falta, castração. Uma mulher que ama na posição feminina precisa inventar que é amada. Atribui ao outro um desejo que é seu.

Quando Lacan (1985) afirma que não existe relação sexual, é que na verdade os sexos não se relacionam, pois o homem ama de uma forma e a mulher de outra. Ela necessita de algo que tampona a falta. Para o homem, a relação sexual é totalmente fálica:

Que tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente o de que dá testemunho de que a mulher se define por uma posição que apontei com o *não-todo*, no que se refere ao gozo fálico. Vou mais longe o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que *ele* goza é do gozo do órgão (Ibid., p. 15).

Assim, dentro da leitura lacaniana o amor encobre a falta diante da impossibilidade de se fazer Um: o amor une o homem e a mulher. A união dos corpos na relação sexual dá a ilusão para o casal de uma completude, uma fusão, como se os dois corpos fossem “um só”, mesmo que momentaneamente, tal qual Platão expressa no *Banquete* sobre o mito do amor que um dia, no passado remoto, as almas eram gêmeas e tinham seus corpos colados um no outro.

Sobre esta fusão do amor e a tentativa de o humano tentar resgatar a possível união que já teve com uma alma semelhante, Lacan no *Seminário 20* (1985) considera que é da ordem do impossível:

O amor, será que é fazer um só? Eros, será ele para tensão para o Um? [...] O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos....A relação dos quem?-dois sexos.[...] *Nós dois somos um só*. [grifo nosso] Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas, enfim, *nós dois somos um só* [grifo nosso]. É daí que parte a idéia do amor. É verdadeiramente a idéia mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado. [...] Esse Um de que todo mundo tem a boca cheia, é primeiro, da natureza dessa miragem do Um que a gente acredita ser (p. 13-14; 64-65).

Existe a ilusão de que dois corpos unidos estão formando um corpo, como se uma pessoa fosse a metade da outra pessoa. O dizer popular ratifica esta afirmativa quando propaga que cada pessoa tem “a metade da sua laranja” ou “a tampa da sua panela”. Entretanto, não há como estabelecer uma proposição lógica entre os dois sexos.

Riobaldo e Diadorim vivenciaram um amor platônico, nunca se encontraram como homem e mulher, carnalmente, expressando esta impossibilidade de encontro entre os sexos. Entretanto, a vida amorosa foi vivenciada intensamente num transbordamento de uma grande amizade: “Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou amigo é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é. Amigo meu era Diadorim; Fafafa; o Alaripe, Sesfrêdo” (GSV, p. 139).

Platonicamente Riobaldo “separa” os desejos da carne com os do coração e os vivencia somente no mundo das idéias. O que a carne convoca ele fica confuso, por isso se esquiva de um investimento maior com o companheiro. Cartesianamente o mundo dos sentidos o perturba de se livrar desse sentimento pelo companheiro e ele confessa que quando

ficava envolvido com as guerras o seu amor por Diadorim ficava latente, porém ao avistá-lo e abraçá-lo o sentimento todo acendia:

O que sei, tinha sido o que foi: no durar daqueles antes meses, de estropelias e guerras, no meio de tantos jagunços, e quase sem esparecimento nenhum, o sentir tinha estado sempre em mim, mas empobrecido, rebuçado. Eu tinha gostado em dormência de Diadorim, sem mais perceber, no fofo dum costume. Mas, agora, manava em hora, o claro que rompia, rebentava. Era e era. Sobrestive um momento, fechado os olhos, sufruía aquilo, com outras minhas forças. Daí, levantei (GSV, p. 221).

A lembrança remanescente da infância, quando Diadorim repudiou um investimento homossexual com a ponta de uma faca sangrando a pessoa que o investiu, talvez tenha impedido que Riobaldo declarasse o seu amor por temor de ser agredido. Nessa ocasião o homem que tentou molestar Diadorim insinuou que eles estariam fazendo um “jogo” sexual, e que ele também queria desfrutar daquele prazer, com um ar debochado segundo relato de Riobaldo; ele disse:

“Vocês dois, uê, hem?! Que é que estão fazendo?...” Aduzido fungou, e, mão no fechado da outra, bateu um figurado indecente. Olhei para o menino. Esse não parecia ter tomado nenhum espanto, surdo sentado ficou, social com seu prático sorriso. ___” Hem, hem? E eu? Também quero! “___o mulato veio insistindo. E, por aí, eu consegui falar alto, contestando, que não estávamos fazendo sujice nenhuma, estávamos era espreitando as distâncias do rio e o parado das coisas. Mas, o que eu menos esperava, ouvi a bonita voz do menino dizer: ___ “Você meu nego? Está certo, chega aqui...” A fala, o jeito dele, imitavam de mulher. Então, era aquilo? E o mulato satisfeito, caminhou para se sentar juntinho dele. Ah, tem lances, esses se riscam tão depressa, olhar da gente não acompanha. Urutu dá e já

deu o bote? Só foi assim. Mulato pulou para trás, ô de um grito, gemido urro. Varou o mato, em fuga, se ouvia aquela corredoura. O menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na coxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim. Mas o menino não se aluía do lugar. E limpou a faca no capim, com todo capricho.” Quicé que corta...” foi só o que disse, a si dizendo. Tornou a pôr na bainha (GSV , p. 85).

A atitude de Diadorim é de uma valentia muito grande para uma criança, pois o agressor era mais velho, e poderia, como pensou Riobaldo, voltar com outros companheiros para se vingar. Parece que ao mesmo tempo que este se esquiva da tentativa de aproximar-se do seu amor se enamora cada vez mais pela coragem do amado. Essa contradição de emoções é uma constante em toda a narrativa: é o querer e não querer. Dualidade paradoxalmente tão constante não só em Riobaldo, mas em todo humano. E ele diz ao seu interlocutor: “Diga ao senhor: nem em Diadorim mesmo eu não firmava o pensar. Naqueles dias, então, eu não gostava dele? Em pardo. Gostava e não gostava. Sei, sei que, no meu, eu gostava, permanente. Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sabados. Tem dia e tem noite, versáveis, em amizade de amor” (GSV, p.139).

E quando o reencontra moço pensa que nunca mais iria se afastar dele como se tivesse achado a felicidade total e que esta não iria “escorrer” de sua vida nunca mais:

E desde que ele apareceu, moço e igual no portal, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia? O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino – Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família. Sem peso e sem paz, sei, sim. Mas, assim como sendo, o amor podia vir mandado do Dê? Desminto (GSV, p. 109).

Riobaldo descreve como não se importasse com as leis da sociedade que não aceita com naturalidade o homossexualismo, pois ele diz: “por lei nenhuma“ ele iria renunciar o seu sentimento e a companhia do companheiro. Ele desabafa que sente como se tivesse encontrado alguém familiar, um sentimento familiar na pessoa de Reinaldo-Diadorim.

Todavia, ao mesmo tempo em que aceita tudo como se fosse natural, sente uma necessidade de buscar um outro amor e tamponar a falta de vivenciar o amor com o mesmo gênero, Riobaldo busca as mulheres dos bordéis e Otacília entra em sua vida para silenciar um pouco o seu desejo ou deslocá-lo momentaneamente:

Sofreado de minha soberba, e o amor afirmante, eu senti o que queria, conforme declarado: que, no fim, eu casava desposado com Otacília sol dos rios...Casava, mas que nem um rei. Queria, quis. E Diadorim? O senhor cuida. Ingratidão é o defeito que a gente menos reconhece em si? Diadorim ele ia para uma banda, eu para outra, diferente; que em, dos brejos do gerais, sai uma vereda para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apartam de vez, mas correndo, claramente, na sombra de seus buritizais... Outras horas, eu renovava a idéia: que essa lembrança de Otacília era muito legal e intruja; e que de Diadorim eu gostava com *amor, que era impossível* (GSV, p. 412, grifo nosso).

Apesar de Diadorim ser um “amor impossível” Riobaldo também revela na narrativa que parece que seu amor por Diadorim é correspondido, talvez seja apenas uma ilusão do narrador-personagem. Como já foi descrito, para a psicanálise há pessoas que amam e precisam inventar que são amadas.

O que faz o protagonista suspeitar que seja amado são algumas atitudes de Diadorim tal como, revelar que na sua vida só tem três pessoas, uma delas é ele, Riobaldo: “Só tenho Deus, Joca Ramiro e você Riobaldo... ele declarou” (GSV, p. 140). Riobaldo diz

que após escutar esta declaração não se conteve de felicidades: “Hê de medo, coração bate solto no peito; mas de alegria ele bate inteiro, e duro, que até dói, rompe para diante na parede” (Idem).

Para Riobaldo: “Diadorim é minha neblina” (GSV, p. 22). Na neblina a pessoa pode se perder, como no encontro com o indizível. Parece que era assim que Riobaldo sentia no encontro com Diadorim.

Na densa neblina há possibilidade de não se enxergar nada. Riobaldo não consegue ver direito Diadorim, pois, ora ele parece homem ora mulher, numa metamorfose demoníaca a seu olhar. Ele não consegue apalpá-la, tal como a neblina densa, nebulosa que passa lentamente e não se consegue segurar. Assim também, Riobaldo não sustenta o feminino em Diadorim. Assusta-se com o sentimento de atração por um homem e pensa ser o diabo lhe provocando:

Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então o senhor me perguntará o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava (GSV, p. 114).

Riobaldo afirma que sempre gostou de mulheres nunca teve atração por homens, porém com Diadorim era diferente, parecia que estava enfeitado.

O nome de Diadorim a princípio revela uma dualidade³. Ela mesma se nomina dois Reinaldo-Diadorim e diz para Riobaldo que o seu nome Reinaldo (masculino) é uma invenção e que seu nome verdadeiro é Diadorim (pode-se dizer que soa mais como feminino apesar de ser dual). Reinaldo-Diadorim encobre a sua passividade para não ser devorada no sertão, assim conta o seu segredo para quem mais confia:

Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo Reinaldo, de verdade. Este é nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas se diz. A vida nem é da gente..." [...] " Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve me chamar, digo e peço, Riobaldo... (GSV, p.121).

Então se pode subentender que para ele Riobaldo ela/ele se revela feminina ou quer ser chamada como feminina e que esta feminilidade é um segredo que não poderá ser revelado em público. Riobaldo lembra dessa passagem emocionado de saber que parece que foi amado pelo seu companheiro. E assim, relembra a cena com o seu interlocutor: "Diadorim dirá o senhor: então, eu não notei viciice no modo dele me falar, me olhar, me querer-bem? Não, que não fio e digo. Há-de-o, outras coisas... O senhor duvida? Ara, mitilhas, o senhor é pessoa feliz, vou me rir... Era que ele gostava de mim com a alma: me entende? O Reinaldo. Diadorim, digo" (GSV, p. 122).

Ao mesmo tempo em que Riobaldo imagina ser amado e valoriza o seu objeto de amor desfavorecendo a si mesmo, ele também sente vontade de cuidar de Diadorim, dar

³ Sobre a dualidade em Diadorim o leitor poderá ler mais em CAMPOS, A. Um lance de 'Dês' no "Grande Sertão", 1991, p.340-341.

proteção, mostrando na narrativa uma circularidade na posição masculina e feminina de amar: “E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor de que ele carecesse de minha proteção toda a vida: eu treçando, garantindo, punindo por ele. Ao mais os olhos me perturbavam: mas sendo que não me enfraqueciam. Diadorim” (GSV, p. 121). Riobaldo também suspeita que Diadorim sente ciúmes dele, assim ele argumenta:

Que Diadorim tinha ciúme de mim com qualquer mulher, eu já sabia, fazia tempo, até. Quase desde o princípio. E, naqueles meses todos, a gente vivendo em par a par, por altos e baixos, amarguras e perigos, o roer daquilo ele não conseguia esconder, bem que se esforçava. Vai e vem, me intimou a um trato: que, enquanto a gente estivesse em ofício de bando, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher. Afiançado, falou: —”Promete que temos de cumprir isso Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos! Servergonhice e airado avejo servem só para tirar da gente o poder da coragem...Você cruza e jura?!” Jurei (GSV, p. 147).

Nesse momento o personagem-narrador aproveita para relatar um grande mito do sertão de que o sexo atrapalha aquele que luta como se tirasse a energia vital, por isso os homens que se abstêm do sexo são os mais valentes. Diadorim apresenta-se como o protótipo deste, uma vez que não é visto nunca com uma mulher e mostra-se muito valente. Entretanto, Riobaldo revela um desejo intenso de amar carnalmente seu companheiro:

De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar

Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre (GSV, p. 32-33).

Riobaldo percorre o caminho do sertão para entender porque não se entregou ao amor com Diadorim e porque Diadorim não se entregou a ele. Por isso, consegue enxergar no momento em que descreve ao seu doutor como eram cúmplices de um sentimento, uma vez que Diadorim fica triste quando Riobaldo procura mulher no bordel: “Diadorim firme triste, apartado da gente, naquele arraial, me lembro. Saí alegre do bordel, acinte” (GSV, p. 148).

Revelar para si mesmo um desejo homossexual não é uma tarefa fácil, assim Riobaldo fica alegre, quando vai ao bordel e consegue ficar com uma mulher provando para si mesmo que é “macho”. Porém a sua possível homossexualidade é projetada naquele que para ele é o demônio em pessoa, Hermógenes, ele pensa que talvez este não goste de mulher: “Será, o Hermógenes também gosta de mulher’s?” — eu careci de saber, perguntei. — ”Eh. Aprecêia não” (GSV, p.180).

A cumplicidade do sentimento também foi expressa quando Diadorim viajou sem Riobaldo e este pressentiu a sua volta, pois sentiu uma alegria muito grande em seu coração; ouviu um som de um pássaro e pensou que alguma coisa boa iria acontecer,

De repente, dei, fé, e avistei: era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim. Ele mesmo me disse, com o sorriso sentido: — ”Como passou, Riobaldo? Não está contente por me ver?” A boa surpresa, Diadorim vindo feito um milagre alvo. Ao que pele pancada do meu coração. Aí, mas um resto de dúvida: a inteira dúvida, que me embaraçava real, em a minha satisfação. Eu era o que tinha, ele o que devia. Retente, então, permaneci; não fiz mostra nenhuma. Esperei as primeiras palavras dele. Mais falasse; retardei, limpei a goela. — ”A pois. Por onde andou, se mal pergunto?” — aí falei (GSV, p. 181).

Somente a *posteriori* tudo parece fazer sentido, mas quando ele vivia sentia-se envolvido em uma energia demoníaca como se estivesse em um encantamento e assim ele afirma: “Diadorim veio para perto de mim, falou coisas de admiração, muito de afeto leal. Ouvi, ouvi, aquilo, copos a fora, mel de melhor. Eu precisava. Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma **espécie de encanto** (grifo nosso). As pessoas, e as coisas, não são de verdade” (GSV, p .66).

Riobaldo imagina que seria melhor que “as coisas” não fossem de verdade, ou seja, como num conto de fadas ele poderia sair do encanto e ver que Diadorim era uma bela mulher. Quando ele a visualizou morta e feminina era como se o encanto houvesse acabado e ao mesmo tempo tornado-se real. Por isso ele parecia não acreditar na cena que via:

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo: “Meu amor!...” (GSV, p. 454).

A mulher que lava o corpo de Diadorim não se assusta ao ver que ele é mulher, pelo contrário ela tenta esconder as partes e Riobaldo em outro momento da narrativa diz que a Mulher não lhe mostrou o corpo de propósito, ela suspirou ao ver Diadorim morto: “A Deus dada. Pobrezinha...” (GSV, p. 453). Ela age como se tivesse conhecimento da sexualidade feminina de Diadorim. Cuida amorosamente do corpo do inimigo mortal de seu marido, pois

surpreendentemente quem revela para Riobaldo que Diadorim era feminino é a mulher de Hermógenes, considerado por ele o diabo em pessoa.

Riobaldo dá muita importância a esta mulher, uma vez que Mulher está escrito com letra maiúscula para dizer que ela não é uma pessoa qualquer, mas aquela que lhe revelou parte de seu enigma.

A descrição do corpo da mulher, Diadorim, não surpreendeu Riobaldo, pois ele diz que os cabelos longos dela ele já adivinhava, dando a entender que ele imaginava ele/ela de cabelos compridos. Não conseguiu nominar o companheiro numa veste feminina, simplesmente conseguiu exteriorizar o seu sentimento dizendo: “Meu amor”!...

Como um conto de fadas às avessas ou uma verdadeira tragédia barroca nunca se encontraram como um homem e uma mulher, nunca tiveram coragem de assumir o amor homossexual para ele e heterossexual para ela, pois ela sabia que poderiam viver como homem e mulher, carnalmente, porém algo a mais a impedia que se entregasse a esse amor. Assim, ele conclui tristemente que ela/ele lhe negou a vivência do amor total, a concretude sexual:

E, o pobre de mim, minha tristeza me atrasava, consumindo. Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço, até o cumprimento de respirar me sacava. E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade dele não me desse repouso; nem o nele imaginar. Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; *e o amor, e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado* (grifo nosso) Para quê eu ia conseguir viver (GSV, p. 458).

Sigmund Freud (1913) no seu artigo intitulado *O tema dos três escrínios* cuja temática é tirada de duas cenas de Shakespeare que retratam a comédia e a tragédia são inspiração para o Pai da psicanálise investigar sobre as formas de amar do homem e da

mulher. Nesse artigo ele relata que a Deusa do Amor da Beleza um dia foi Deusa da Morte quer dizer o amor, a beleza e a morte como uma só entidade. No final do artigo ele chega à conclusão de que o homem encontrará o verdadeiro amor somente quando encontrar a silenciosa Deusa da Morte. Nesse sentido, Riobaldo encontrou seu verdadeiro amor:

Que Diadorim era corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha... Ela era. Tal que assim se *desencantava, num encanto tão terrível*; [grifo nosso] e levantei mão para me benzer__mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluzei meu desespero (GSV, p. 454).

Riobaldo descreve que Diadorim era corpo. Enfatiza corpo, moça perfeita. Não tinha anomalias no corpo apesar da dualidade que sua personalidade tantas vezes lhe apresentou, como se fizesse parte de um feitiço.

Caso todas as impressões fizessem parte de um feitiço era possível que seu corpo pudesse apresentar alguma deformidade, entretanto a cena lhe revelava algo diferente. Intimamente parecia saber que a alma do “amigo” fosse de mulher, porém o que lhe era oculto é que o corpo também era feminino.

Diante da revelação deste enigma o “amigo” tão desejado sexualmente revelando-se mulher na morte, Riobaldo parece sentir-se realmente envolvido, participante de um feitiço, como ele suspeitou em toda a narrativa. E, na tentativa de se proteger pensa em se benzer diante do belo corpo de mulher que seu amigo revelou. O seu desejo secreto que era ver o amigo mulher tornou-se real, porém de uma forma macabra: na morte.

Todavia, ele é atravessado pela dor desta revelação e com as mãos que levantou para se benzer ele tapa o seu soluço. A dor da verdade vence o temor do medo do feitiço e o coloca diante de uma condição muito humana: a finitude. Assim, esta dor fere o seu corpo de tal forma que ele uiva de dor.

É interessante observar que quando Riobaldo começa a relatar a sua história de vida já sabia que Diadorim era mulher. Talvez por isso ele conta a sua atração pelo companheiro com ênfase, como desabafo para si mesmo, pois a sua posição é de alguém que já conhece a verdade.

O feminino já lhe tinha sido revelado. A questão que o perturba é entender o por quê não se entregou nos braços de seu amor, pois a *posteriori* tudo fazia sentido: os dois se desejavam e poderiam ter vivenciado tudo carnalmente. A decifração do mistério sobre a sexualidade feminina em Reinaldo-Diadorim fica para o leitor.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Augusto de. *Um lance de 'Dês' no "Grande sertão"*. In: COUTINHO, Eduardo (org.) Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Coleção Fortuna Crítica)

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1913). *O tema dos três escrínios*. vol. XII.

_____. (1937). *Análise terminável e interminável*. vol. XXIII.

GALVÃO, Walnice. *Mitologia Roseana*. São Paulo: Ática, 1968.

HENRIQUES, Irineide S. A.. *Literatura e psicanálise – barroco e feminino em Grande sertão: veredas*. Dissertação (Mestrado). CES/JF, Juiz de Fora, 2008.

LACAN, Jacques. (1958) "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os pensadores, v. 3)

POMMIER, Gérard. *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

RIVERA, Tânia. *Guimarães Rosa e a Psicanálise: ensaio sobre imagem e escrita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROSENFELD, Kathrin H.. *Grande sertão: veredas: roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios)

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SANT' ANNA, Affonso Romano. *Barroco, do quadrado à elipse*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SÓFOCLES. *Tragédia Grega: a trilogia tebana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

THE CROSSING THROUGH THE WILDERNESS AS AN ANALYTIC WAY IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS

ABSTRACT:

This article aims to analyze shortly the romance *Grande sertão: veredas*, as the narrator-personage, Riobaldo, did a psychoanalysis with the doctor whom he listens to, once a certain question brings to him a profound pain during his crossing through the wilderness: Diadorim.

KEYWORDS: Psychonalysis. Love. Wilderness. Truth.

LA TRAVERSÉE DANS LA VASTE PLAINE COMME UN PARCOURS ANALYTIQUE DANS LE GRANDE SERTÃO: VEREDAS

RÉSUMÉ:

Cet article aborde brièvement une analyse objective du roman *Grande Sertão: veredas* comme si personnage-narrateur, Riobaldo, fit une analyse psychanalytique avec le docteur qui lui écoute, une fois qu'une certaine question à lui fait souffrir au long de leur traversée à travers la vaste plaine: Diadorim.

MOTS-CLÉS: Analyse psychanalytique. L'amour. Vaste plaine. Vérité.

Irineide Santarém André Henriques

Recebido em 23/01/2010

Aprovado em 25/04/2010

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista